



**[São Paulo]
era ainda muito novo,
mas espiritualmente
muito bem alicerçado,
o que faz dele uma
espécie de nosso
irmão mais velho,
mas ainda jovem.**

Esta robustez é incrementada em Paulo pela sua bagagem cultural, e tudo isto é posto ao serviço do evangelho. Nesse sentido, Paulo não precisa que falem muito dele, porque o centro das atenções não é ele, mas Jesus e o seu evangelho. Por isso, Paulo fala naturalmente de Jesus e põe Jesus a falar pelo seu testemunho de vida, pela coerência do seu anúncio e pela transparência da sua vida que se tornou espelho da transcendência.



Editorial

Na origem da opção fundamental

Carlos Nobre
Castor inteligente

Cada um de nós é! Somos, melhor dizendo!

Existimos, damos-nos conta que estamos coletivamente no mundo, partilhamos e ocupamos a superfície de uma pequena bola que vagueia pela Via Láctea segundo as suas leis, assumimo-nos como multidão pluricultural e simultaneamente cientes de identidades individuais e de histórias singulares... É, verdadeiramente, o "maravilhoso" humano!

Então, tem razão de ser perguntarmos-nos sobre a nossa identidade, pelo espaço onde fazemos a história humana e pelos outros, aqueles que conosco escrevem páginas de vida. Mas, somos capazes de dizer: eu sou... Sou quem? Sou o quê? Sou como? ...como nos definimos? Para responder, fazemo-lo sempre com adjetivos, com referências, com pertenças! Penso poder definir o ser humano, eu ou tu, como uma identidade e um conjunto mais ou menos complexo de anexos...

Qual é o nosso lugar? Porque existimos? Qual é a nossa missão? E... não esqueçamos que aqui também o faço como membro do CNE!

Um lugar define-se primeiro por um nome, por uma identidade, por uma memória e por uma trama de relações humanas normalmente emaranhadas, de densidade rica, com sentimentos e de sensações contados na primeira pessoa... e cada um se diz como referente a: sou de..., nasci em..., criei-me no(a)...

E como ocupamos o nosso espaço? Tornamo-lo agradável, delicado e encantador, quente? Ou somos como as autoestradas, onde apenas têm importância dois pontos, o início e o fim? É assim o nosso viver, vertiginoso, onde o nosso umbigo assume a importância suprema, e passamos... sem deixar rasto! Ou fazemos caminho e confeccionamo-lo como espaço antropológico, ocupamo-lo pujante de vida, de experiências e de sementes de felicidade? Ou, e assume também grande importância a minha resposta, vivo num "não lugar", num sítio que não é, porque não o "faço", onde embora esteja com os outros, estou sozinho, em solidão? É que quando semeamos, o mais certo é não sermos nós a colher esses frutos. E, às vezes, damos sinais errados, para fora de nós, do que somos, donde estamos e

porque estamos... preocupamo-nos mais em criar um inferno sobre a Terra, em vez de contribuir para criar uma Terra onde dê gosto viver!

Viver é uma descoberta, um deslumbramento, uma sedução... e cada passo, cada gesto, é uma escolha, uma opção, um querer. Às vezes sentimos dificuldade quando nos parece haver muito por onde optar, quando temos abundância de informação ou quando dispensamos o outro no caminho, para que em vez da conexão, do encontro e da comunhão, o meu eu sobressaia... Os encontros (humanos) é que fazem os lugares. Essas relações dão-lhes identidade, conteúdos. Esse espaço é simultaneamente memória, presente e futuro. Que nunca possa dizer que não sei de que "terra" sou!

Deixei para o fim o porquê, o sentido, a razão de tudo isto: não nos criamos a nós próprios! Somos um dom do Criador, significativamente pensados e significadamente dotados, capacitados para nos relacionarmos com Ele... pela fé. Não podia ser de outro modo. Deus não se podia revelar "lá de cima", de um qualquer céu... Tinha de se manifestar num de nós, igual a nós, ser como nós, falar como nós, existir como nós. Por isso teve um nome – Jesus Cristo, uma identidade, viveu num lugar, num tempo e construiu uma teia de fortes relações humanas. Entreviu no seu tempo, deixou marcas e fez história. A sua ação suscitou testemunhas e a sua Palavra revelou Deus.

Ao me dar conta da minha finitude descobri-me na grandeza infinita de Deus. A fé, o ato de crer, é uma necessidade que tenho de compreender, de conhecer, de desvendar. Acreditar em Jesus Cristo supõe um encontro com Ele, juntar o meu tempo com o d'Ele, o meu lugar com o d'Ele, as minhas relações com as d'Ele, etc. E a questão à qual temos de dar uma resposta é que ou isto tem significado para mim ou se não tem, não interessa! Não adianta inventar! Só serei portador desta vida, desta mensagem, deste jeito de ser, se a testemunhar, se a viver. A Igreja corre hoje o risco de ser uma "entidade", uma "associação" (e o CNE faz parte desta Igreja) com muitos gerais e pouca infantaria, se não revelar, se não mostrar este amor imenso de Deus. E no nosso lugar, no nosso espaço, no nosso tempo, isto é, hoje, só o pode fazer através de cada um de nós, de mim!

Estou à altura? Sei explicar as razões da minha fé? Vem aí um tempo apropriado - a quaresma - que pode ser o da descoberta do meu "lugar"...



Sentinela

IV – Formar para quê? Avaliar o quê?

João Costa
Leopardo guloso



Uma formação clara e um processo de avaliação objetivo e transparente partem de um princípio base: eu tenho de saber para que formo, para poder definir o que avalio.

Os cursos do CNE – sabemos-lo – incluem unidades de formação centradas em conteúdos. Alguns destes conteúdos são, hoje, facilmente acessíveis pela Internet. Outros repetem-se de curso para curso, levando os formandos a não entender exatamente por que motivo têm de discutir o que já trataram no curso anterior.

O sucesso de um processo formativo passa por traçar um percurso, que se centra num perfil de saída – eu tenho de saber exatamente para que estou a formar. Qual é o conjunto de requisitos que devem estar cumpridos para o exercício da função para que formo. Se esta pergunta não estiver claramente respondida, o processo formativo é nulo. Não é mais do que um entretenimento para adultos que ouvem umas coisas avulsas e não estruturadas e que não conduzem de forma clara a um perfil de saída.

De igual modo, só posso conduzir formandos a um perfil de saída, se conhecer o seu perfil de entrada.

Estes dados, que parecem óbvios, não são assumidos com facilidade por toda a gente. Traçar perfis, desenhar conjuntos de aptidões, atitudes ou conhecimentos necessários para o desempenho de uma função parecem ser tarefas incómodas numa associação de voluntários em que, como dizia Eça de Queiroz, a “realidade real das coisas” não se compadece com perfis idealizados.

Mas repare-se que, sem o conhecimento dos perfis, toda a tarefa formativa se torna nula. Se eu não conhecer o ponto de partida e o ponto de chegada, não posso traçar o caminho. Os perfis para os cargos e o conhecimento bastante detalhado dos formandos é o requisito mínimo para fazer uma avaliação eficaz dos instrumentos formativos a utilizar, dos conteúdos da formação e dos próprios instrumentos de avaliação a que se quer recorrer.

Para se entenderem bem as consequências da presença ou ausência de uma definição de perfis – e da sua avaliação, confrontemo-nos com os cenários que daí advêm:

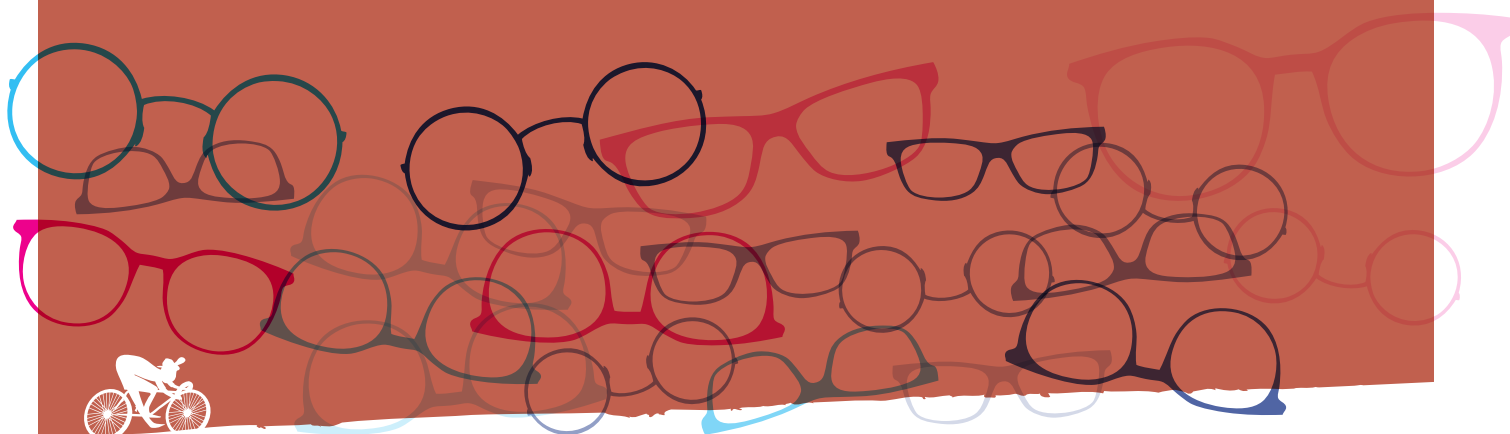
- A ausência de perfis gera indefinição. Centremo-nos num CIP. O CIP forma dirigentes. Mas, a rigor, como definimos o que é um “dirigente formado”? Quais são os requisitos para eu poder avaliar se o curso teve sucesso junto destes indivíduos ou não? Não será desonesto eu não ser claro sobre o que espero à saída do curso, podendo estar a criar falsas expectativas junto do meu formando?
- A existência de perfis traz a transparência necessária ao processo formativo e os indicadores exigidos para eu poder dar início a um processo avaliativo.

A existência de perfis não é, contudo, isenta de problemas. Se eu exercer sobre os formandos uma ação fiscalizadora e não formadora, usarei a definição de um perfil como uma check-list, como se me tratasse de um mero inspetor. O perfil não serve para isso, mas sim para o ajustamento de instrumentos formativos e para a identificação de necessidades formativas que levem o adulto a traçar percursos de desenvolvimento pessoal.

A especificidade da avaliação no CNE é mesmo esta. Avaliamos não para “chumbar”, penalizar ou punir, mas, numa perspetiva construtivista, para alterar comportamentos e promover o desenvolvimento do indivíduo.

Saber o que se avalia é de tal forma importante, que é a única forma de permitir que o indivíduo a quem se propõe uma rota de desenvolvimento pessoal possa saber dizer se é isso que quer para si ou não. Um dirigente que não sabe para que foi formado, que está num cargo sem ter a exata noção da sua função, é um dirigente a quem prestámos um péssimo serviço enquanto formadores.

A clareza na avaliação é um passo seguro na desdramatização destes processos e no início de caminhos de desenvolvimento, que são os únicos que interessam. Não avaliamos para informar, não avaliamos para certificar, mas apenas para fazer crescer cada adulto e, através dele, todo o CNE.





Para lá da cerca

S. Paulo: como falar dele aos jovens de hoje?

Prof. José Carlos Carvalho

Universidade Católica Portuguesa - Porto



O patrono dos caminheiros viajou imenso em tão pouco tempo para anunciar o evangelho por aquelas bandas do próximo oriente. Fe-lo, é verdade, já com idade adulta, mas para o conseguir fazer, além da força do Alto, tinha de ter um espírito destemido, de alguma aventura, de arrojo. No fundo, tinha de ter um espírito jovem e forças ainda suficientes para uma missão tão grande pela qual se gastou e desgastou. O seu estilo direto, transparente, que não fugia às questões difíceis e sem receio de as enfrentar, a capacidade de escutar as comunidades, a perspicácia para ler os sinais dos tempos, a ousadia para não deixar de criticar o que não é compaginável com o evangelho e com a força da vida, as sensibilidades cultural e pastoral para construir pontes com os novos ventos que assolavam as próprias comunidades cristãs e diante dos quais nunca deixou de apontar a medida alta do evangelho e do ideal do reino, a competência cultural cuja bagagem lhe permite traduzir o evangelho de Jesus na nova linguagem que dominava o mundo do império de então, tudo isto faz de Paulo um grande pedagogo e alguém que consegue conversar com as jovens comunidades e com os jovens membros das comunidades por ele fundadas, comunidades nas quais os respetivos membros são ainda muito jovens na fé.

Paulo também era ainda jovem na fé, tinha chegado ao convívio dos discípulos de Jesus não há muito tempo, há poucos anos (desde o primeiro dos encontros a caminho de Damasco: cf. Act 9, 22; 26). Nesse sentido, era ainda muito novo, mas espiritualmente muito bem alicerçado, o que faz dele uma espécie de nosso irmão mais velho, mas ainda jovem. Esta robustez é incrementada em Paulo pela sua bagagem cultural, e tudo isto é posto ao serviço do evangelho. Nesse sentido, Paulo não precisa que falem muito dele, porque o centro das atenções não é ele, mas Jesus e o seu evangelho. Por isso, Paulo fala naturalmente de Jesus e põe Jesus a falar pelo seu testemunho de vida, pela coerência do seu anúncio e pela transparência da sua vida que se tornou espelho da transcendência. Assim sendo, Paulo fala por si mesmo sem precisar de falar muito. Falar hoje de Paulo é deixar Paulo falar através dos encontros que manteve, das atitudes que tomou, das respostas que foi dando às muitas questões e dúvidas que lhe iam sendo colocadas, pela resistência do seu testemunho apesar das contrariedades e perseguições. Esta biografia escreve na história outra vez que Deus continua a enviar profetas ao seu povo e a conseguir ir escrevendo direito por linhas tortas, pois se conseguiu seduzir o coração de alguém que foi perseguidor da Igreja para o tornar num perseguido por amor ao evangelho, então é tudo possível. Paulo é o sinal disso mesmo. Para falarmos hoje outra vez de Paulo não importa muito descrever por onde andou, pois a grande viagem de Paulo é interior. A geografia exterior é apenas um pretexto para pôr o evangelho em diálogo com a cultura. Falar hoje de Paulo não passará muito provavelmente por falar de Paulo, mas dos ideais que o moviam, pois as grandes vidas, as grandes histórias são assim construídas. Num mundo muito vezes árido de ideais porque árido de ideias (pelo menos das grandes ideias e das grandes intuições), o paradigma de Paulo volta a ter lugar. Falar hoje de Paulo não significa fazer dele um herói (como muitas vezes

se faz na catequese infantil), herói que acabou por ser sem o querer ser. Falar hoje de Paulo implicará muito provavelmente a concentração em muitos dos seus encontros para vermos como aí voltamos a fazer a experiência do apóstolo, pois o ambiente cultural em que viveu é muito semelhante ao nosso. Isto obrigará a olhar com muita atenção para o contexto social envolvente para perguntarmos com Paulo o que nos move, o que nos atinge, quais as veredas que nos são oferecidas, quais as que não são caminháveis pelos nossos caminhos nem pelos nossos caminheiros. Deste modo, mais do que perguntar o que é que Paulo diz ou não chega a dizer (como se usássemos o texto bíblico como um receiptuário ou à maneira de um cardápio), importa auscultar o que vai no coração dos que caminham como ele ou dos que se desviaram deixando de caminhar com Paulo. O mesmo é dizer, importa perguntar porque caminham ou porque não conseguem caminhar. Paulo não é tema, tema é o evangelho que faz Paulo andar e falar, e a propósito do evangelho falar acerca dos caminheiros de Paulo, dos trilhos que o apóstolo propõe que sejam percorridos e dos trilhos a não trilhar.

Estamos às portas do ano da fé. Paulo é muito importante para a fé não no sentido da doutrina, mas porque se preocupou desde o início com aquilo que hoje é um problema para toda a Igreja e para todos os caminheiros que querem caminhar ao lado de Jesus, no fundo para todos os batizados ou que buscam honesta e retamente a verdade: quais os lugares da fé, como ajudar os nossos irmãos a caminhar na fé? – esse é que é o verdadeiro caminho – como ajudar a crescer no caminho de Jesus, que caminhos possibilitam isso, quais os que ajudam ou os que dificultam, quais as pedras desses caminhos? Tal como no tempo de Paulo, os que caminhavam com ele e os que deixaram de caminhar com ele tiveram de se haver com estas dificuldades. O objetivo não estava nos resultados mas apenas no facto de catalizar no início uma experiência de crescimento de uma relação pessoal com o Filho de Deus. Mas como é que isso pode ser feito? É nesta pergunta por onde Paulo nos põe a pensar: que caminho queremos, o caminho do self, da autodescoberta, do autoconsolo (como vende a cultura contemporânea consumista e da satisfação imediata), ou o caminho mais difícil (mas nobre e radical) da entrega até ao Deus da cruz que faz caminhar Paulo (cf. 1 Cor 1,17-18)? Por isso, falar hoje de Paulo tem custos, como teve para Paulo, porque implica falar com ele na ágora de Atenas, abrir um horizonte outro para lá dos horizontes. Por isso, os chefes dos caminheiros não têm de estranhar, como Paulo não estranhou, que quando nos pomos a conversar sobre coisas sérias como Paulo conversava, nem todos estejam para aí virados. Falar de Paulo e falar com Paulo ou com os seus companheiros e caminheiros tem custos, um dos quais pode ser repetir os casos de João Marcos e de Barnabé (cf. Act 13): não estão para aí virados e vão às suas vidas, seguem outros caminhos. A vida é isto mesmo, não é tudo igual.



Quando rezares O QUE SIGNIFICA O SINAL DA CRUZ

Secretariado Diocesano de Liturgia – Porto
in Voz Portucalense, nº 39, 31-10-2012 e nº 40, 07-11-2012



ANO DA FÉ
2012 2013

“Como se pode notar, o conhecimento dos conteúdos de fé é essencial para se dar o próprio *assentimento*, isto é, para aderir plenamente com a inteligência e a vontade a quanto é proposto pela Igreja.

Porta Fidei, 10

Pelo “sinal da cruz” colocamo-nos sob a proteção do Deus trino.

No começo do dia, de uma oração e também de tarefas importantes, o cristão coloca-se sob o “sinal da cruz” e inicia a sua ação em “nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. A invocação nominal do Deus trino, por quem estamos cercados de todos os lados, santifica as coisas que empreendemos; ela concede-nos a benção e fortalece-nos nas dificuldades e nas tentações.

Youcat 360

Chamamos-lhe «sinal», mas o «sinal da cruz» é mais do que mero sinal: é «símbolo» no sentido mais rico do termo. De facto, por ele os cristãos conhecem-se e reconhecem-se, credencial a sua identidade, dizem a quem pertencem, ativam a aliança que os une e faz deles um povo com uma marca distintiva e indelével. Por outro lado, o sinal da Cruz é uma condensação e figuração de significados profundos, riquíssimos, inefáveis, que mediante ele, na unidade de gesto e palavra, se exprimem de uma forma ao mesmo tempo breve e plena, simples e densa. «Sinal do cristão», a Cruz é também o nosso credo nuclear.

Nas celebrações litúrgicas e na piedade pessoal, o sinal da Cruz assume diversas formas:

- A mais antiga é a que ainda hoje se pratica no início da celebração do Batismo das crianças e no Rito da admissão de catecúmenos: ministros, pais e padrinhos... traçam com o polegar da mão direita uma pequena cruz na fronte da criança/catecúmeno. Significa que, a partir desse momento, os que assim são assinalados têm uma *marca* que os distingue e assinala a sua pertença a Cristo, que nos salvou pela cruz. No Sacramento da Confirmação o Bispo (ou o Presbítero que o substitui), com o polegar humedecido no óleo do santo crisma, repete este gesto na testa do confirmado para significar o Dom do Espírito Santo que marca os crismados e faz deles outros «cristos».

- «*Benzer-se*» é um gesto habitual no início e no fim da oração comunitária ou pessoal: com a mão esquerda apoiada no peito e com os dedos da mão direita estendidos, o cristão faz sobre si uma cruz ampla, da testa ao peito e do ombro esquerdo ao direito, ao mesmo tempo que diz as palavras: «*Em nome do Pai* (com a mão direita na testa) e *do Filho* (a mão direita vai ao peito) e *do Espírito* (a mão direita vai ao ombro esquerdo) *Santo* (a mão direita vai ao ombro direito). *Amen* (juntam-se ambas as mãos diante do peito). O sinal da Cruz, feito deste modo, é uma profissão de Fé em Deus Uno e Trino que no Batismo tomou posse dos fiéis; é, ao mesmo tempo, uma memória da Páscoa em que Cristo nos remiu pela Sua Cruz e Ressurreição.

- Outra modalidade é a *persignação* palavra que significa *signação* [o ato de marcar com um sinal] *repetida*. Consiste em, mantendo a mão esquerda sobre o peito, fazer com o polegar da mão direita 3 pequenas cruzes sucessivamente sobre a testa, a boca e o peito. Na liturgia da Missa a persignação é prescrita quer ao ministro que proclama o Evangelho, no momento em que o anuncia (IGMR 134, 175), quer aos fiéis que se preparam para o escutar (IGMR 134). Vale a pena ler o texto da IGMR 134: «Tendo chegado ao ambão, o sacerdote abre o livro e, de mãos juntas, diz: *O Senhor esteja convosco*; o povo responde: *Ele está no meio de nós*, e a seguir *Evangelho de Nosso Senhor...*, fazendo o sinal da cruz sobre o livro e sobre si mesmo na fronte, na boca e no peito, e todos fazem o mesmo. O povo aclama, dizendo: *Glória a Vós, Senhor*.» Os fiéis fazem a persignação sem dizer quaisquer palavras, a não ser a aclamação Glória a Vós, Senhor. Na piedade pessoal, a persignação é acompanhada com uma fórmula de oração («*Pelo sinal da Santa Cruz livre-nos Deus, nosso Senhor, dos nossos inimigos*»).

(...)

Na tradição latina, a que pertencemos, frequentemente estas duas modalidades de fazer o sinal da cruz andam juntas: persignar-se e, de seguida, benzer-se.

Uma outra modalidade está associada às anteriores: ainda se veem pessoas a concluir o sinal da cruz beijando a mão direita, ignorando o motivo desse gesto que se tornou maquinal; na origem era um beijo à pequena cruz formada pela sobreposição do polegar e do indicador. (...)

A abundância de modalidades e de ocasiões é indicador claro da relevância do Sinal da Cruz. (...) Seja qual for a forma adotada, «*quem faz sobre si o sinal da Cruz repete a si próprio a catequese comemorativa de um facto fundamental na Sua vida: eu fui iniciado nos mistérios de Cristo ou, pelo menos, estou batizado*» - assim recapitulava Balthasar Fischer o sentido essencial do gesto.





Ajudar os outros a caminhar

Alexandre Simões
Falcão peregrino

É tarefa em que compreendemos para onde nos dirigimos e que assimilamos os motivos porque caminhamos. Quando, com adultos, fazemos caminho de alguma forma, por exemplo, através da formação, depa-ramo-nos com várias questões: será que todos têm o mesmo ritmo de caminhada? Será que conseguem dosear o esforço individual para não ficarem cansados na primeira subida? Será que conseguimos caminhar e não deixar ninguém para trás? Será que todos conhecem o destino, para onde o desafio os impele? Será que...

Ao caminhar em conjunto compreendemos que nem todos têm os mesmos ritmos e, em consequência, percebemos que cada um dos caminantes tem o seu próprio passo, a sua velocidade. Por outro lado, caminhar em conjunto significa adequar o caminho a cada um. Fazer etapas. Orientar o caminho para que no fim cada um possa extrair os maiores dividendos. Para isso é necessário criar estímulos de procura e concretizar desafios entusiasmantes que possam provocar um ambiente favorável, em que cada passo é uma aprendizagem.

Quando oferecemos aos outros a perspectiva de aprender no caminho, temos a possibilidade de demonstrar, através duma relação próxima, pessoal, que os saberes são construídos de experiências, de sensibilidades, de valores iluminados pela Fé.

A postos, temos a força de iniciar a caminhada. Damos o primeiro passo. O segundo. Ao fim de poucos metros surge a primeira subida e com ela as primeiras questões:

- Então, porque caminhamos?
- Caminhamos porque vais descobrir o que necessitas para cumprires o teu objetivo, a tua missão, a tua função.
- Mas eu já sei alguma coisa...
- Ainda bem! Já tinha percebido. Significa que esta caminhada vai ser mais fácil para ti e por outro lado podes dar aos outros o que tu já sabes.

E etapa após etapa, a caminhada continua. Sempre com a preocupação centrada em todos os caminantes e em cada um em particular. Ao fim de um punhado de quilómetros devemos parar e olhar para o caminho percorrido. Avaliar. Em comum perceber que todo o grupo de caminantes tem o mesmo desejo – conhecer mais e melhor os objetivos do caminho para que possam no fim melhorar o desempenho da sua missão. Predispor cada um a ser coerente com este caminho.

E outro estádio do caminho deve ser percorrido. Com novos desafios, com outras etapas. No quotidiano de um ambiente favorável, através de uma relação próxima, aberta e informal.

- Quase que consigo ver o fim do caminho, que dizer, para onde me dirijo.

- Mas todos vão para o mesmo fim?

- Todos devemos percorrer este caminho, mas no final, cada um encontra o seu próprio fim. Ou seja, o fim deste caminho em conjunto, representa, para nós caminantes, o início de outros caminhos. Cada qual terá os seus. Cada um irá fazer o seu com os saberes construídos e tomados nesta experiência.

- Concorro contigo, fazer este caminho é apenas uma ajuda, um apoio, um olhar diferente para os teus caminhos futuros. Caminhos esses que deves trilhar com a força dos desafios conquistados nesta caminhada.

Estes adultos que se propõem fazer este caminho, são homens e mulheres que vieram de terras e de costumes diferentes. São voluntários que educam, evangelizam, dão na sua vida testemunho de outra vida maior – Jesus Cristo. Deixaram as suas famílias, desocuparam o tempo das suas férias, disseram “até já” aos amigos e meteram pés ao caminho. Sabem que pertencem a algo maior do que eles e que por esse facto, pela responsabilidade que desejam ter, têm o comprometimento de fazer caminho.



Excertos...

Fernando Andrade
Lobo malhado

...nihil fandi... olim Aloysii et Angelicae
nita Chrusli Margaritae q. Jacobo et
fugus; cui nomen dedit = Barbara
Emanegildy Monagnard... Vincentii



Sendo o fundador do Escutismo de forte tradição cristã anglicana, a sua intuição original estava também informada do espírito cristão, nomeadamente no que à Palavra de Deus diz respeito. Isto é, mesmo sem o referir explicitamente, a Palavra de Deus é a fonte inspiradora do Escutismo e, consequentemente, é também a Luz para o caminho de todos os escuteiros. Isso é particularmente visível nos Princípios e na Lei do Escuta, onde se identifica claramente a influência da Palavra de Deus: há um claro paralelismo entre os Mandamentos da Lei, bem como o seu cumprimento no Mandamento Novo, e os dez artigos da Lei do Escuta, tal como as bem-aventuranças são efetivamente um código de vida para os escuteiros.

Se o Escutismo está inegavelmente ligado à Palavra de Deus, daí resulta uma dupla e permanente missão: conhecer, aprofundar e viver a partir da Palavra, e encontrar na mesma Palavra o conteúdo e o fundamento para a Missão pois, como reafirmou o Sínodo sobre a Palavra de Deus, «a missão de anunciar a Palavra de Deus é dever de todos os discípulos de Jesus Cristo, em consequência do seu batismo».

(...)

O Escutismo surgiu com o objetivo muito concreto de transmitir esperança aos jovens que viviam na ociosidade, entregues a vícios e sem quaisquer horizontes de vida. Desde logo estimulou os jovens a ser artífices do seu próprio desenvolvimento, motivando-os através do jogo e propondo-lhes a adesão pessoal a um quadro de valores sintetizado na Lei escutista. Essa proposta cedo se revelou frutuosa, porquanto se assistiu a uma extraordinária expansão do Movimento que, se era manifestação evidente do interesse que despertava entre os jovens, não era menos prova cabal do reconhecimento geral, da parte de diferentes instituições da sociedade, das virtudes pedagógicas do Escutismo.

Ora, isso deve-se em parte ao facto de o Escutismo ter a capacidade de fazer brotar de dentro de cada jovem as suas mais nobres qualidades, colocando-as ao serviço de Deus e dos irmãos. Dessa forma, o Escutismo veio dar resposta a algumas visões mais cétricas sobre a juventude dos «novos tempos», reafirmando que vale a pena acreditar numa nova humanidade, vale a pena acreditar em cada jovem, vale a pena ter esperança. Esse dado continua hoje

a ser marcante na sociedade, representando mesmo um dos mais importantes contributos do Escutismo no mundo atual sobretudo considerando que, como referia João Paulo II em 2003, se assistia na Europa a uma espécie de «ofuscamento da esperança».

(...)

Este desafio pressupõe tudo o que atrás foi dito: onde houver uma clara identidade católica, onde a abertura ao exterior estiver presente, o Movimento será seguramente evangelizador, numa lógica de integração na verdade e, sobretudo, se a comunhão corresponder a uma íntima ligação a Deus, acolhida e vivida em Igreja, na especificidade do método escutista. Além disso, para ser um Movimento evangelizador, cada escuteiro e Dirigente deve procurar ter na Palavra de Deus o seu alimento quotidiano para que possa crer o que lê, ensinar o que crê e viver o que ensina. Daí resulta a evangelização e a necessidade de articular a formação escutista com a catequese paroquial.

A melhor forma de viver o Escutismo consiste em fazê-lo de forma autêntica, segundo a sua pedagogia própria, na adaptação aos tempos novos e na fidelidade aos seus princípios. Se cada escuteiro estiver «Sempre Alerta» praticando dedicadamente o «Serviço», irá descobrir que «há mais felicidade em dar que em receber» (At 20,35) e esse é o caminho de encontro profundo com Jesus Cristo. Nesse sentido, o Escutismo é naturalmente instrumento de evangelização.

Despertou-te interesse este excerto?

De que livro ou documento terá sido retirado?
A sua leitura e releitura é muito importante neste ano duplamente celebrativo para o CNE.
No próximo número daremos a resposta.
Até lá, procura por ti mesmo!

Emanegildy Monagnard q. Laurent
q. Vincentii; obtema vero Man
nouadp. omnes de Cultro novo sub

Naquele tempo... Precisamos de uma fé em primeira mão

José Tolentino Mendonça
Agência Ecclesia / SNPC
13.11.2012

A fé, manifestada em Jesus, ensina-nos a viver neste mundo. O nosso ponto de partida pode ser a passagem da Carta a Tito (Tt 2, 12), onde se diz a propósito de Jesus: «a graça de Deus, fonte de salvação, manifestou-se a todos os homens, ensinando-nos a viver neste mundo». Esta frase é um desafio, antes de tudo, a tomarmos a sério a humanidade de Jesus como narrativa de Deus e do Homem. Nessa humanidade temos o caminho, a verdade e a vida. Hoje sentimos a necessidade muito grande de uma fé orientada para a vida. De uma fé que possa constituir uma arte de viver, um laboratório para uma existência autêntica e não apenas para a manutenção de um conjunto de práticas fragmentárias. E precisamos reencontrar ou reinventar, a partir da fé, uma gramática do humano. A fé é um exercício muito concreto de confiança na narrativa de Deus que Jesus nos relata com a sua própria vida, com o seu próprio corpo, os seus gestos, o seu silêncio, a sua história, a poética da sua humanidade. Que se pode concluir então? Que Deus, por exemplo, não bate a uma porta que nós não temos, mas está à nossa porta e bate; que Deus não está numa época passada ou futura simplesmente, mas Deus emerge no nosso presente histórico e é aí (é aqui!) que o encontro com Ele se torna para nós decisivo.

Há um ensaio literário de uma grande autora americana, Susan Sontag, onde ela se levanta contra a interpretação, porque diz, «O mundo encheu-se de comentários, já só vivemos as coisas em segunda mão». De facto, cada vez estamos mais distantes da fonte, do original, do acontecimento, porque vivemos na novela dos comentários e das interpretações. Há sempre mais uma interpretação que se sobrepõe, à maneira de cascas de cebola. Mas o que é a essência do (nosso) problema? O que é o núcleo fundamental? Isso como que nos escapa. E Sontag dizia que o que temos a fazer é ensinar a ver melhor, a ouvir melhor, a saborear melhor, a tocar melhor. No fundo, a exercitar melhor a nossa humanidade. Uma fé vivida aqui e agora é também uma fé que não se deixa capturar pelo labirinto epidérmico dos meros comentários, mas arrisca-se a construir como uma aventura na ordem do ser.



Oportunidades de Formação



CONFERÊNCIAS SOBRE O ANO DA FÉ

- 1 "O sacerdócio de Jesus e os outros sacerdócios"
09 Janeiro 2013 – 21h00
Salão Paroquial de Margaride
- 2 "A Fé celebrada"
06 Fevereiro 2013 – 21h00
Centro Pastoral João Paulo II (Stª Quitéria)
- 3 "O Sacerdote numa Cultura em Crise"
06 Março 2013 – 21h00
Salão Paroquial de Margaride
- 4 "O caminho de Fé de Pedro"
10 Abril 2013 – 21h00
Centro Pastoral João Paulo II (Stª Quitéria)
- 5 "A Fé Cristã e alma do Povo Português"
05 Junho 2013 – 21h00
Centro Pastoral João Paulo II (Stª Quitéria)
- 6 "O Ano da Fé e a Memória do Vaticano II"
03 Julho 2013 – 21h00
Centro Pastoral João Paulo II (Stª Quitéria)



Confraria do Imaculado Coração de Maria
e Santo Quitéria





Formação de adultos...
a história de uma aventura

Formação de Chefes – Cursos no Estrangeiro

Publicado em "A Flor de Lis", nº9, Junho de 1928

Realizou-se em Braga, na sede da Juventude Católica, nos dias 24 e 25 de Maio de 1928, o Congresso Técnico que votou as seguintes conclusões que foram aprovadas pela Junta Central:

1) Formação de chefes

- Que sejam mandados quanto antes ao estrangeiro a frequentar as escolas de chefes alguns dos nossos dirigentes que tomem o compromisso de virem depois dirigir os campos-escolas.
- Que até à efectivação deste voto do congresso, continuem a funcionar as escolas regionais de instrutores, ficando os comissários regionais com liberdade para escolher a melhor maneira do seu funcionamento.

Cursos no Estrangeiro

- No Campo-Escola de Chamarande (França – a 50 kilometros de Paris) vão realizar-se neste verão os cursos seguintes:

11º Curso de Chefes scouts (2ª Secção) desde 30 de Julho à tarde a 16 de Agosto.

7º Curso de Lobitismo, de 27 de Agosto à tarde a 5 de Setembro.

8º Curso de Lobitismo, de 7 de Setembro à tarde a 16 de Setembro.

Os nossos irmãos «Scouts de France» declaram-nos que terão muito prazer em receber gratuitamente dois ou três dos nossos chefes no primeiro dos cursos indicados e outros tantos em qualquer dos de «Lobitismo». Os que quizessem aproveitar-se deste amável oferecimento não terão a pagar senão as despesas de viagem.

- Em Gilwell, Inglaterra funcionarão os curso seguintes:

65º Curso de Escutismo, de 30 de Julho a 10 de Agosto.

25º Curso de Lobitismo, de 13 a 18 de Agosto.

Cursos para dirigentes de Sêniores de 3 a 7 de Setembro.

As despesas são de duas libras nos cursos de Escutismo e de uma nos restantes.

Quem dentre os nossos chefes pretender frequentar qualquer dos cursos indicados deve dirigir-se quanto antes à Sede Central, para se tratar da respectiva inscrição que precisa de fazer-se com antecedência, sob pena de se encontrarem preenchidas todas as vagas.



Chamarande

Gilwell



Bibliografia

EDITH STEIN Pedagoga e Mística

António José Gomes Machado
Editorial A. O. - Braga

Matilde Santos
Mocho paciente

"Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, nasceu em Breslau, Alemanha, em 1891, e morreu no campo de concentração de Auschwitz, em 1942, vítima do holocausto nazi. Cinquenta e oito anos de uma vida intensa e heroica. Judia de nascimento, passando por um período de ateísmo, converteu-se ao catolicismo.

Altruísta, com forte sentido crítico, social e político, olhava o mundo e as pessoas de forma aberta, liberta de qualquer egoísmo e preconceito mas com espírito fraterno e solidário.

Filósofa, pedagoga, mística, carmelita, mártir, santa e copatrona da Europa, a vida desta mulher moderna é um desafio para os cristãos do século XXI a serem fermento numa vida coerente e de abertura ao outro e às diferenças, para que o Reino de Deus que Jesus quis instaurar se torne uma realidade.

(...)

Viu o mundo dividido e destroçado pelas duas grandes guerras mundiais. Experi-

mentou o racionalismo e o ateísmo que se impuseram com a modernidade. E como judia sofreu na própria pele a discriminação e o desrespeito pela condição humana provocados pelos horrores do nazismo.

O seu vazio interior e o desejo de encontrar a verdade levaram-na a uma experiência de fé profunda e a uma adesão total e vital a Deus, que por amor incarnou, morreu e ressuscitou, para conduzir o Homem à salvação.

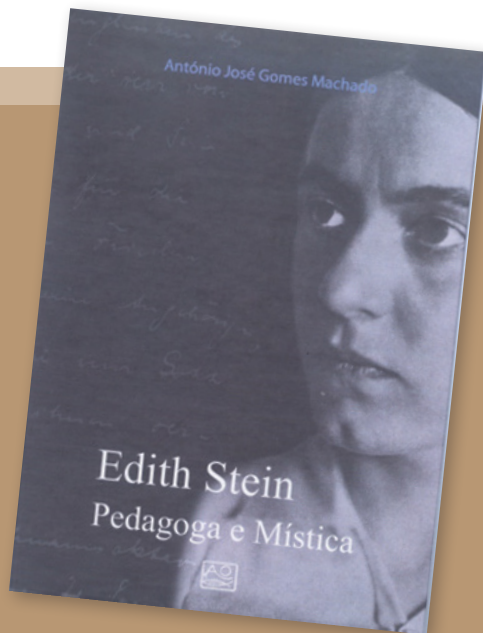
Dotada duma inteligência brilhante e duma forte personalidade, Edith Stein ficará na história dos pensadores cristãos do século XX, como modelo de alguém que conseguiu conciliar o pensamento moderno com a espiritualidade; a razão, baseada nas certezas e dogmas irrefutáveis, com a fé, assente na liberdade do salto no abismo de Deus.

Para nós ela é um sinal de esperança, pois ainda que a humanidade avance por caminhos tortuosos, Edith mostra, com a sua própria vida, que é sempre possível lutar e conseguir fazer prevalecer a dignidade do

ser humano, desde que se mantenha fiel à sua reta consciência e não se busque senão viver segundo a verdade."

O Programa Educativo do CNE propõe aos nossos Escuteiros modelos de vida, pessoas que encarnaram na sua vida alguns dos valores que propomos na mística e imaginário de cada secção. Mas como fazer "uso" desta ferramenta em que se constituem os modelos de vida? Como os integrar na vida das Unidades? A nossa criatividade dará resposta fácil a estas questões se conhecermos a vida e a obra dos modelos de vida que propomos. Cabe-nos o trabalho e o esforço de "mergulharmos" na vida destas pessoas e delas retirarmos as perspectivas em que podem ser propostas como modelos de vida.

Para ajudar nesta tarefa aqui fica a proposta de uma biografia de Edith Stein ou Santa Teresa Benedita da Cruz. É aliciante a viagem humana que encetámos sempre que abrimos a primeira página da biografia de um santo!



CORPO NACIONAL DE ESCUTAS
Escutismo Católico Português



Equipa Nacional dos
Adultos

www.cne-escutismo.pt

Goodyear NEWS

Equipa Goodyear:

Carlos Nobre, Matilde Santos,
José Carlos Pinheiro, Fernando Andrade.
Design gráfico: Pedro Botelho

Colaboraram nesta edição:

Alexandre Simões (Região de Lisboa)
Carlos Nobre (Região do Porto)
Fernando Andrade (Região do Porto)
Matilde Santos (Região do Porto)
E a participação especial do Prof. José Carlos Carvalho –
Universidade Católica – Porto

goodyear@cne-escutismo.pt

